

exatamente no ponto em que se inicia a degradação da Mantiqueira em direção do planalto paulista. Acentuou o orador que é a homogeneidade das formas o que mais fere a atenção de quem visita a região; os vales são abertos, inclinados na direção de NO e dividem a região em compartimentos. Estudando-se o trabalho da erosão, tem-se logo a impressão de que os rios já alcançaram o seu perfil de equilíbrio, ainda mais em virtude da presença de numerosos meandros. Mas, ao mesmo tempo, percebe-se que é bastante ativa a destruição pelas águas, com desmoronamentos e profundas bacias de captação, o que dificulta considerar a região como estando em sua maturidade. O orador pensa que a região em aprêço, ainda se encontra em sua juventude, quanto à evolução do relevo e acrescenta que serão falsos os perfis de equilíbrio e que os vales decorrem do relevo geral. Após ressaltar o caráter "apalacheano" do relevo, concluiu por afirmar que, em sua opinião, houve ali apenas um reajustamento morfológico estrutural.

Discorreu, depois, o professor Pierre Monbeig, que expôs algumas de suas observações a respeito das paisagens rurais do nosso Estado. O professor Monbeig começou por lembrar que a situação climática do planalto paulista (colocado na zona de contato de três massas atmosféricas) parece favorecer o aparecimento de diversos tipos de paisagens rurais e explicar a tendência à policultura e passou, em seguida, a fazer breve recapitulação da nossa história econômica. Recordou que, no início do século XIX, era a criação de gado a grande atividade paulista; os viajantes que por aqui passaram confirmam esse fato e acentuam que a paisagem rural era devida à extensão dos campos e à dispersão do homem (ocasionada pela prática da queimada). Nessa época, a agricultura antecedia a criação. Posteriormente, veio o domínio do café e a consequente alteração na paisagem, graças à durabilidade da cultura. O orador, prosseguindo, referiu-se ao testemunho de Zaluar, para concluir que, no meado do século passado, havia em São Paulo dois sistemas e duas técnicas inteiramente diversos: a dos grandes fazendeiros e a dos caboclos sítiantes. Foi ulteriormente que surgiu a paisagem bem conhecida, criada pelos imensos cafezais, com o seu "habitat" característico: a sede da fazenda, tendo a seu lado, o terreiro, a tulha, etc. tal como na época medieval, quando o castelo feudal tinha ao seu lado as principais dependências. Com o elemento imigrante, nova transformação se registou: o "habitat" passou, de aglomerado que era, a ser disperso. Hoje, pode dizer-se que a paisagem se encontra em plena transformação, bastando lembrar que, em certos pontos da alta Sorocabana (Presidente Veneslau) a propriedade se acha dividida em lotes compridos e estreitos, que lembram os de certas regiões européias. Misturaram-se todos os tipos de paisagem rural: as grandes fazendas, do tipo clássico, aparecem ao lado dos pequenos sítios; a monocultura juntamente com a policultura: "habitat" aglomerado, de mistura com o "habitat" disperso. O professor Pierre Monbeig ao encerrar a sua palestra observou que já se começa a assistir a uma adaptação dos tipos rurais aos diversos tipos de solos.

Outra reunião bem interessante da A.G.B. foi a realizada em 6 de Maio deste ano.

Na primeira parte dessa sessão, o professor Haroldo de Azevedo fez a resenha — bibliográfica. Na segunda parte o professor Félix Rawitscher, da cadeira de Botânica da Faculdade de Filosofia e Letras, da Universidade de S. Paulo, discorreu sobre o tema: "Reflexões sobre a fitoecologia do Brasil".

Também no dia 20 do mês de Maio último, a mesma entidade realizou outra movimentada sessão cultural.

Nessa sessão, inicialmente, o professor Luiz Flores de Moraes Rêgo, participou aos presentes que o Diretor Regional de Geografia deliberou instituir um prêmio de 1:500\$000 ao autor do melhor trabalho apresentado sobre a geografia de S. Paulo, além de se encarregar de sua publicação.

Ocupou a tribuna, depois, o prof. Pierre Monbeig, da Universidade de S. Paulo, que resumiu e comentou um interessante artigo do prof. Emmanuel De Martonne, intitulado "Problemas morfológicos do Brasil tropical atlântico" e publicado nos "Annales de Géographie", de Janeiro-Março do ano corrente.

Nesse trabalho, o prof. De Martonne observa que, estudando o relevo do Brasil tropical atlântico, parece encontrar um exemplo de relevo apalacheano. Estudou especialmente as serras do litoral, para acentuar que a rede hidrográfica se acha adaptada a uma estrutura de dobramento. Refere-se ao problema da origem do vale do Paraíba, afirmando que, se ali não existe uma fossa tetônica, existirá certamente uma "flexão" muito acentuada; o desabamento parece comprovado por se apresentarem os cursos de água paralelos à direção do relevo, e em seguida, alcançarem o vale do Paraíba através de gargantas e uma rápida alteação do curso. Regista a presença de três degraus de falhas: o da Mantiqueira, o da Serra do Mar e o das ilhas litorâneas.

Depois de mencionar dois trechos nitidamente "apalacheanos" (a região de S. Paulo e a de Belo Horizonte), estuda as superfícies de erosão, em número de quatro: — a superfície pre-permiana, a superfície dos campos, a das cristas médias ou apalacheanas, e a superfície neógena, de colinas baixas. Focaliza, depois, dois exemplos: a região do sul de Minas (a que denomina de "superfície do rio Grande) de origem paleógena e onde regista a presença de dobras do fundo na região de Ouro Preto e do alto rio Doce; e a "cuxta" (encosta) de Botucatu, também paleógena e onde se registam alternâncias irregulares das camadas de basalto e de arenito.

Concluindo, faz o prof. De Martonne uma reconstituição histórica do relevo distinguido duas épocas mais notáveis: a do neógeno em que as dobras de fundo realizam sua maior atividade, e a do quaternário, quando se realiza o abaixamento do sóco atlântico, com os três degraus de falhas acima citados.

— x —

SOCIEDADE "AMIGOS DA FLORA BRASÍLICA"

A contar do dia 30 de Abril último, a Sociedade "Amigos da Flora Brasílica" da capital paulista vem realizando com frequência o programa de palestras mensais, elaborado para o ano corrente.

Na sessão inicial do programa, realizada naquela data na Sociedade Rural Brasileira, foi discutida a 1.ª tese que versou sobre o tema: "Duplo Aspecto do Problema Florestal". A segunda tese discutida dias após abordou e tratou da "Orquidáceas Brasileiras, seu valor e sábio aproveitamento", merecendo essa conferência o maior interesse público por parte dos estudiosos do assunto.

A terceira palestra dos "Amigos da Flora Brasílica" esteve a cargo do sr. Joaquim Franco Toledo, chefe do serviço científico das Embriofitas do Departamento de Botânica do Estado.

Nessa conferência que versou sobre os "Fatores dos aspectos da Vegetação e utilidade prática do seu conhecimento" o sr. Franco Toledo demonstrou a importância que há em se cultivar a "Scientia Amabilis" de Linneu.

— x —

III CONGRESSO SUL-RIOGRANDENSE DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA EM PORTO ALEGRE

Constituindo uma das solenidades das comemorações do bi-centenário de Porto Alegre, deverá realizar-se a 5 de Novembro próximo, naquela cidade, o III Congresso de História e Geografia Sul-riograndense.

A comissão organizadora desse certame é constituída de autorizados historiadores, notadamente os membros do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. O prefeito de Porto Alegre, sr. Loureiro da Silva, principal animador do Congresso, cedeu o salão no-